Contos (al catalán)

AÑO	TRADUCTOR/ PROLOGUISTA	EDITORIAL	CIUDAD	TÍTULO
1987	Francesc Gibert i Tió	Amós Belinchón, Ed.	Paiporta	*Adam i Eva al Paradís*

C. OBRA PERIODÍSTICA

Cartas de Inglaterra

AÑO	TRADUCTOR/PROLOGUISTA	EDITORIAL	CIUDAD
2005	Javier Coca y Raquel Aguilera («Nota previa» de los traductores)	El Acantilado	Barcelona

Ecos de París

AÑO	TRADUCTOR/PROLOGUISTA	EDITORIAL	CIUDAD
2004	Javier Coca y Raquel Aguilera (Introducción de los traductores)	El Acantilado	Barcelona

D. COLECCIONES DE OBRAS COMPLETAS Y DE OBRAS SELECTAS

AÑO	TRADUCTOR/ PROLOGUISTA	EDITORIAL	CIUDAD	TÍTULO
2001	Pedro Blanco Suárez (Prólogo de Carlos Reis)	Espasa Calpe (Austral summa)	Madrid	*Obras selectas de Eça de Queiroz*

Torres Feijó, Elias J. "Para umha cartografia da traduçom literária entre 1900 e 1930. Portugal e Espanha". Ángel Marcos de Dios (ed.). Relaciones lingüísticas y literarias Portugal-España. Siglos XIX y XX. Salamanca. Universidad de Salamanca, 2007,347-372.

Para umha cartografia da traduçom literária entre 1900 e 1930. Portugal em España

ELIAS J. TORRES FEIJÓ
GALABRA-Universidade de Santiago de Compostela

EMBORA ESTE TRABALHO seja parte dum outro mais amplo, que visa conhecer como a literatura portuguesa foi recepcionada no sistema literário espanhol, e, mui particularmente, no projecto regeneracionista que significou a revista *Espanha* (1914-1923), e em funçom de que redes e visando que interesses, é o meu propósito aqui, como o título indica, colocar uns apontamentos para umha cartografia das traduçons feitas para espanhol de textos portugueses nas primeiras décadas do século, publicadas em volume[1], com atençom preferente aos autores lusos vivos na altura, que permita conhecer os eventuais pontos de encontros, homologaçons, desencontros ou *décalages* e heterologias entre a hierarquia

[1] Nom considero as selectas antológicas nem os volumes colectivos, ao nom evidenciar umha singularidade como a que procuro. Entre as mostras antológicas desta época devemos sublinhar as que contam com a intervençom de Fernando Maristany. De 1918 som *Las cien mejores poesías de la lengua portuguesa* traduzidas por ele e prologadas por I. Ribera i Rovira, editadas em Buenos Aires e Valencia; e em 1920 a Editora Cervantes de Barcelona dá a lume um volume de quase seiscentas e sessenta e sete páginas intitulado *Florilegio. Las mejores poesías líricas griegas, latinas, italianas, portuguesas, francesas, inglesas y alemanas traducidas directamente en verso por Fernando Maristany*, em que a poesia portuguesa tem um largo espaço (da página 180 a 317) e é precedida dum prólogo de Ribera i Rovira. A antologia de poesia portuguesa publicada por Álvaro de las Casas, embora aparecendo sem data, deve ser de já de bem entrada a década de 20.

e articulaçom do sistema português em relaçom à posiçom de autores e obras no espanhol com o sistema português, e como, por que canais, com quem e para que chegava a literatura portuguesa.

O período seleccionado, obedece ao seu especial momento no relacionamento hispano-luso: um momento de grande controvérsia política e cultural e de umha importante emergência de autores e ideias em ambos os dous campos. Neste caso, será alargado até 1930, para compreendermos algumhas imediatas evoluçons futuras, pertinentes para avaliarmos com maior conhecimento o processo em foco. Utilizo como recurso básico a base de dados da Biblioteca Nacional de España, confrontada com o útil *Literatura portuguesa em Espanha. Ensaio de uma Bibliografia (1890-1985)*, Porto, Telos, 1986 de Correia Fernandes, cujo apoio, salvo erro, foi também o catálogo da BNE, e que apresenta mui poucos lapsos, apesar de, na altura, nom poder contar com o apoio da rede electrónica. Entendo que, tendo em conta o facto de que, desde época de Felipe V, por Real Cédula de 15 de Outubro de 1716, o monarca concedeu à Biblioteca Real o privilégio de receber um exemplar de quantos livros fossem impressos no Reino (http://www.bne.es/esp/bne/depositolegal.htm), e sendo prática habitual esse envio, poucas margens de erro pode haver quanto ao corpus que contemplo, e essas, se as houver, nom alterarám o resultado final. De qualquer modo, esta pesquisa foi complementada por outras bases de dados, entre as quais a da Biblioteca nacional de Lisboa, a da Biblioteca da Universidade de Santiago de Compostela e a da Library of Congress, e por catálogos de livrarias e editoras, artigos e outros trabalhos de investigaçom.

I. O SISTEMA PORTUGUÊS E O SEU CÁNONE, DE FINAIS DO SÉCULO XIX À DÉCADA DE 20

Grande parte dos escritores vivos que dominavam o subcampo de produçom literária restrita que se deram a conhecer entre 1890 e 1900 tinham sido simbolistas, ou naturalistas (Rui Ramos, 1994:302), ou, até, as duas cousas. Um símbolo crescente no país, A. Nobre, passava em 1892 como um dos *simbolistas decadentistas*, sendo a sua filiaçom a de Gonçalves Crespo e sobretudo Guerra Junqueiro; contra ele e a revista *Boémia Nova* reagiu Eugénio de Castro e *Os Insubmissos* com duras polémicas entre eles; de 1890 data *Oaristos*, de Castro, livro de filiaçom indiscutivelmente simbolista francesa, como o será *Horas*, também da sua autoria. Para os seus leitores, apesar das audácias poéticas de Castro, o que substantivamente diferenciava o Professor coimbrao do autor de *Só* era que (Rui Ramos, 1994: 304) «onde Castro remetia para uma abstracta Idade média literária e um catolicismo cosmopolita: Noble referia-se concretamente a Portugal». Em 1898, a segunda ediçom do *Só*, de que se tirárom 3000 exemplares,

foi um êxito no Porto e em Lisboa. (...) Entretanto, os seus amigos Antero de Figueiredo e Júlio Dantas ocupavam a secçom de letras do diário *Novidades*, de Lisboa, que assim ficou subitamente às ordens de Nobre.

Estas duas vias finisseculares vam evoluir de forma bem diferente; Nobre e o seu *Só* serám umha espécie de *exemplum* e de modelo a seguir: em Nobre está a tradiçom, o povo simples, o Portugal autêntico, a raça, etc., tudo aquilo que nutre o Neogarrettismo de Alberto de Oliveira e as suas *Palavras Loucas*, de 1894. E boa parte do que fornece o Saudosismo de Pascoaes e tendências nacionalistas mais acusadas em Correia d'Oliveira ou Lopes Vieira. Ora, a vitória desta linha poética nom significará o desaparecimento de Castro da cena literária lusa; o autor de *Belkiss*, irá *tradicionalizando* a sua obra, progressivamente, e até nacionalizando-a, dessa *Belkiss* à *Constança* de 1900.

De resto, nos primeiros anos do século, e dos poetas mais populares procedentes da Geração de 70 e além, apenas restam Gomes Leal e Guerra Junqueiro; e, dos dous, é Junqueiro o de maior estima para o público e os seus pares.

Se era indiscutivelmente a poesia o género dominador do campo literário português, nom por isso o romance deixava de ter larga audiência; Eça de Queirós detenta o título de maior romancista, e mesmo depois de morto continua a dominar o panorama litrário luso. Mas desde finais de século avança o romance naturalista com força, opostos claramente os seus autores à degenerescência e desenraizamento que observavam noutras produçons literárias; nomes como os de Abel Botelho ou Teixeira de Queirós serám bem populares, embora na esfera narrativa triunfe progressivamente mais claramente a crónica, o conto ou a crítica que este género romancístico, representado por Fialho de Almeida, por exemplo. Mas a partir da Primeira república, a preponderância estará do lado da Renascença Portuguesa; atendamos a alguns dados (Ramos, 533): *A Águia* tem umha tiragem média de 1800 exemplares e 120 números entre 1912 e 1921; e publica 250 livros entre o ano 12 e o 24. Em 1915 tem 270 sócios entre os quais Guerra Junqueiro, Teixeira de Pascoaes e Leonardo Coimbra.

Em 1915, Boavida Portugal dá à luz, em livro, o *Inquérito Literário*, conjunto de depoimentos, réplicas e contrarréplicas que durante aproximadamente quatro meses presidírom à vida literária portuguesa, de finais de 1912 a inícios de 1913. O *Inquérito* nom reuniu apenas escritores dedicados à ficçom literária mas às suas páginas fôrom convidados jornalistas e pessoas de influência nos meios de comunicaçom. Significativamente gira em volta da Renascença Portuguesa; a pergunta comum aos entrevistados é a de se existe ou nom um renascimento literário, que abandeiravam precisamente Pascoaes e os seus sequazes. Dos doze depoimentos que constituem a primeira parte do *Inquérito*, três, Teixeira, o Visconde de Villa Moura e Veiga Simões, som escritores d'*A Águia*. Frente a

eles, situam-se elementos doutros grupos e/ou geraçons literários (fundamentalmente críticos, pensadores ou filólogos), que contestam a existência desse renascimento, ou afirmam as tendências presentes serem antigas e/ou com raízes anteriores, como Júlio de Matos, Lopes de Mendonça, Gomes Leal, Júlio Brandão, Gonçalves Viana, Adolfo Coelho, João Grave e Malheiro Dias, por idade próximo dos nacionalistas, por obra, o que fora indigitado por muitos como o sucessor de Eça, e depois do seu tránsito polo Naturalismo e o neorromantismo historicista, considerado perdido para obras de grande fôlego–.

Nas polémicas subseqüentes ao *Inquérito*, a participaçom de nomes da «renascença» ou do tradicionalismo e historicismo com ele convergente, e de outros de algumha forma seus defensores, é significativa: Aarão de Lacerda, Augusto Casimiro, Raul Proença, o Pessoa de *A Águia*, o Sardinha de *António Monforte,* Hernâni Cidade. Os novos estavam maioritariamente com Pascoaes; frente a eles, levantavam-se vozes como a de Antero de Figueiredo, quase retirado e dedicado ao historicismo, na altura recente membro da desprestigiada (sobretudo a olhos dos novos) Academia das Sciências de Lisboa ou Gomes Leal, que bramava que a renascença, a existir, procedia de Antero, de Junqueiro e, principalmente, dele próprio.

Entre os intervinientes na polémica, faltam no inquérito alguns nomes relevantes na altura, que se recusárom a participar, como esclarece o próprio Boavida Portugal, a páginas 285; som: Silva Gaio, Eugénio de Castro, Júlio Dantas ou Guerra Junqueiro, o que indicia a sua relevância no panorama literário do momento.

Das opinions de uns e outros, e das presenças e as ausências (as justificadas e as outras), como da atençom aos diferentes elementos que conformam o campo literário português por volta de 1915, podemos deduzír as seguintes características:

– *o predomínio da poesia como género literário privilegiado é progressivamente incontestável;* morto Eça, ultrapassado, no ámbito do subcampo, o romance naturalista, abandonado o género por Malheiro Dias e desaparecido Fialho, o romance fica em situaçom de subalternidade a respeito da poesia. A prosa que triunfa nessa altura é a crónica, o conto e ainda o ensaio, político ou filosófico. Sobre o romance, era quase lugar comum indicar que, após a morte de Eça, nom havia em Portugal romancistas de grande valor; sublinhava-se algum texto de Malheiro Dias (o *Maria do Céu* de 1902) ou de Fialho, para depois concluir que o romance e os romancistas foram substituídos pola crónica e o conto, polos cronistas e contistas.

– *o teatro é, de regra, considerado ordinário e ainda mais abandonado* polos seus primitivos cultores de algum prestígio do que o romance polos seus. Nom sendo sempre equivalente o predomínio dum género ao dum autor cultor desse género num campo literário, no caso português som os poetas os que detentam o topo da consagraçom literária como também os lugares de luta polo centro hegemónico.

– *mortos como Eça, Antero ou António Nobre e outros ainda «vigoram»* (naturalmente sem esquecer Camões, Herculano, Camilo e Garrett) e estám presentes na vida literária destas primeiras décadas, dadas as circunstáncias indicadas, unidas à ligaçom que muitas das correntes poéticas dos primeiros anos da República mostram e querem mostrar com outras da década de 70 e ainda antes.

– na década de dez, *existe um grupo em evidente ascensom para a glória literária:* o dos escritores, e especialmente poetas que, com idades entre os trinta e os quarenta anos aproximadamente, se nucleiam em volta dumha produçom literária de marca tradicional(-ista) e nacional(-ista), com algumhas heranças simbolistas, e ainda mais apuradamente, *os ligados, dumha ou doutra forma, à Renascença Portuguesa*, à *Aguia*, ao Saudosismo, a *Pascoaes*. A sua presença é patrom de medida para quase o resto do subcampo. De poetas imediatamente anteriores, fica, por um lado, *a poderosa presença de Nobre* e, menos a de João de Deus e, ainda menos, a de Antero; som já clássicos; como clássicos, vivos, som na altura já Guerra Junqueiro e Gomes Leal. Eugénio de Castro nom conseguira ter um lugar de destaque. Era pois evidente que os defensores da Renascença conseguiram o vital objectivo para o seu caminho para o centro de fazer pivotar em torno seu a vida literária portuguesa, colocando diante ou detrás, um pouco mais acima ou abaixo a restante produçom literária[2].

Quanto a Albino de Meneses, Villa-Moura, Pessoa, Sá-Carneiro, Almada-Negreiros eram considerados polo geral representantes dumha rapaziada, para

[2] Esta percepçom do domínio da Renascença estava quase generalizada no campo literário na altura. Para utilizarmos agora outras perspectivas, recorremos a umha visom menos empenhada na luta e menos interessada. Em Novembro de 1914, Alejo Carrera (1914) assina em Lisboa um artigo, «Los Poetas Lusitanos», para a revista regional (que nom galeguista) *Vida Gallega*, que vai ser publicado no mês seguinte (em que tratando do que considera uma certa crise na literatura portuguesa, destaca os «clásicos» como «Guerra Junqueiro, Gomes Leal, Eugenio de Castro, Antonio Correia d'Oliveira, Alberto Mousaraz [sic], Lopes Vieira, Juan María [sic] Ferreira [a quem dedica boa parte da crónica e de quem é publicado o retrato], Teixeira de Pascoais y pocos más de talla», que «forman un cuadro de brillantes poetas», e acrescenta: «Fernando Pessoa, Mario de Sá Carneiro, Antonio Ferro, Alfredo Pedro Guisado, Cortés Rodrigues, Augusto Cunha y algunos más, forman otro grupo de jóvenes de la escuela moderna, propiamente dicha, y que ha causado gran revuelo en el grupo de los Renacimiento».

alguns carne de psiquiatra, a quem poucos ligavam e menos levavam a sério. A *Orpheu* só sairá em Março de 1915, reforçando nos seus críticos a necessidade de atençom médica.

As hierarquias e tendências deduzíveis do *Inquérito Literário* confirmam-se em anos sucessivos; magnífica amostra temo-la no artigo que é publicado seis anos mais tarde, em Janeiro de 1922 numha revista galega, pertencente ao protossistema literário galeguista, a *Nós*, *«O aspecto actual da literatura portuguesa»*, com data de Novembro de 1921. Devedor das correntes historicistas geradas em finais do século XIX, e da visom da história da cultura portuguesa de Teófilo, este é o seu guiom:

> Os mortos que mandam.- Eça e Ramalho, António Nobre e Fialho de Almeida e outros./Os vivos que emudeceram.- Guerra Junqueiro e Teixeira Gomes/Os poetas da raça e da tradição.- Teixeira de Pascoais, Correia de Oliveira, etc./Os poetas subjectivistas.- Américo Durão, Virgínia Victorino, Augusto Gil, etc./Os poetas da arte pela arte.- Eugénio de castro./Prosadores. A vida trágica de Raul Brandão; O lirismo filosófico de Leonardo Coimbra, e a Sensualidade Pagã de Aquilino Ribeiro./A evocação histórica de Antero de Figueiredo e Lopes de Mendonça./O Apostolado radical de Manuel Ribeiro e de Jaime Cortesão./O teatro.

Para já, notemos no esquema dous factos: a dominância da poesia em número de autores e tendências e a presença dos mortos recentes no panorama literário; atendendo ao esquema de Cidade, a narrativa (o romance, o conto, a crítica: Eça, Fialho, Ramalho) eram do imediato passado; agora, sob o rótulo de prosadores, aparecia umha certa viragem, representada em Raúl Brandão, Coimbra e Aquilino; e umha continuidade de temas em Antero de Figueiredo e Lopes de Mendonça. Manuel Ribeiro e Cortesão representavam o polemismo; o teatro apenas merecia umha epígrafe genérica.

Entre os mortos que «mandam», evoca também António Feijó, «cheio de graça e fulgor parnasianos e Gomes Leal, [que acabava de morrer] «lira cujas cordas foram raios de luar e látegos de cólera». Mas som Ramalho e Eça, «entre os da última geração, os mais poderosos educadores da nossa inteligência» e observa a continuidade desse labor em Fialho. Ao lado desses mestres sublinha Trindade Coelho. Dos mortos, os mais lidos eram certamente Nobre e Fialho; mas Cidade coloca este último em destaque.

Dos vivos começa por Junqueiro e Teixeira Gomes, para depois centrar-se nos «vivos em plena actividade criadora», começando polos poetas, em que a dominância do Saudosismo e, em particular, de Pascoaes é inequívoca. Fixado este nível de consagraçom, «junto a êstes poetas da Raça e da Tradição», coloca o nome de Afonso Lopes Vieira, e acrescenta ainda o de Mário Beirão, perguntando-se: «qué é feito dele?». A controversa figura de Eugénio de Castro, definia-a com a frase de Gautier: *la Muse est jalouse; ella la fierté d'une déesse et ne reconnaît que son autonomie*. Ele «pontifica», di, «no altar solitário da sua arte aristocrática».

A crónica é fiável: se algo caprichoso pode ser citar Casimiro, Durão, Vitorino, Pina de Morais e nom outros como Alberto de Oliveira, a hierarquia estabelecida é correcta, particularmente se atendermos ao maior grau de autonomia do campo; nomes como o de Dantas e todo o ligado à Academia das Sciências de Lisboa estám desprestigiados, o teatro nom está nas grandes revistas literárias (só Mesquita e Carlos Selvagem som salientáveis); as citaçons de Brandão e Lopes de Mendonça reflectem a sua importante posiçom no campo; Cortesão representa também outros da RP; Pascoaes é indiscutível; Correia de Oliveira e Lopes Vieira tenhem grande popularidade. Saltarám ao leitor duas classes de ausências: a de integralistas e modernistas.

Doutra parte, o artigo mostra a falência definitiva do Naturalismo. Podiam estar Botelho ou Teixeira de Queirós mas os naturalistas estám já numha posiçom periférica, salvo a evoluçom decadentista de Fialho.

II. Dous textos influentes para o sistema espanhol: Por Tierras de Portugal y España e Características da Litteratura Portuguesa

Entre outras fontes de informaçom para o leitor espanhol sobre literatura portuguesa[3], talvez a mais influente fosse a prestigiosa revista barcelonesa *Estudio*,

[3] Som muitas as que podemos citar. Indiquemos apenas algumhas de particular interesse, por autor, assunto e cronologia: em carta presumivelmente de 1902 (Fein, 1958:560), escreve Villaespesa a Eugénio de Castro:

Es lástima que españoles y portugueses no nos conozcamos más. Aquí apenas de la literatura de vuestro país sabemos que existió Camões, que se suicidó Anthero, y que hace tiempo murió João de Deus. Sin embargo ha habido diario tan importante como el *Heraldo* que le daba por vivo en el presente año. Eça de Queiroz va siendo algo conocido. Yo traduje la *Reliquia* y El *Mandarín*, y esto sirvió de pretexto para que nuestros eruditos á la violeta hablasen de sus grande conocimientos de la literatura portuguesa, y citasen cuatro o cinco nombres que Uds. ya tienen olvidados. Sólo la Pardo bazán y menéndez Pelayo están algo enterados del movimiento intelectual moderno, sobre todo la primera. También el sabio catedrático de la Central, D. Antonio Sánchez Moguel, es un entusiasta lusitanófilo, gran admirador de Ud.».

Também Amado Nervo dedica parte das suas crónicas a tratar assuntos de literatura portuguesa nestas décadas (1999). Som importantes as palavras prologais de Ribera i Rovira às antologias de Maristany (1918, 1920), tratando-se dum conhecedor importante do sistema luso e empenhado na sua divulgaçom no catalám e no espanhol. Nelas, confirma o cánone que vimos acompanhando, com forte tendência para sublinhar o Saudosismo como linha fundamental, e crítica implícita, ainda que o cita, a E. de Castro. Ainda dedicando a sua atençom aos poetas, cita alguns outros escritores, particularmente Camilo, omitindo, eis o significativo, Eça ou Botelho, na sua habitual perspectiva essencialista. Outro vulgarizador da produçom literária lusa, Álvaro de las Casas, na sua conferência sobre Nobre de 1927 (6-7), sublinha, entre os autores do século XIX, os mesmos nomes que vimos

onde sobranceava a atençom à vida literária lusa. Mas se algumha obra contribuiu para configurar no público leitor umha ideia dessa literatura mais recente na altura (e nom só; também da cultura e idiossincrasia lusa daquela época) julgo nom enganar-me muito se afirmar que essa era o livro de Miguel de Unamuno *Por Tierras de Portugal y España* de 1911, nutrido em boa medida, e polo que toca à parte dedicada a Portugal, dos seus artigos no jornal bonaerense *La Nación*, lido também em meios espanhóis.

Unamuno, à procura da caracterizaçom idiossincrática dos povos, do particular ao geral, escreva sobre a pesca de Espinho ou sobre o Bom Jesus do Monte, anota sempre as suas impressons genéricas sobre os portugueses e sobre aquilo que caracteriza a sua literatura[4]. Já nos seus comentários sobre Castro, que abrem o *PTPE*, aproveita (7) para teorizar sobre a literatura portuguesa, encontrando nela, como «notas dominantes» «la amorosa y la elegíaca», logo a seguir indicando que «Portugal parece la patria de los amores tristes y la de los grandes naufragios» e colocando como obra representativa dessa literatura o *Amor de Perdição*, «obra henchida de pasión dolorosa» (8).

Com esta perspectiva, do livro salientavam dous nomes como títulos, Eugénio de Castro, de quem Unamuno sublinhava ser ele particularmente conhecido «del gremio literario argentino y sudamericano por la traducción que de su *Belkiss* hizo Luis Berisso» (5), sendo para ele *Constança* a sua obra principal, e Teixeira de Pascoaes; podia isto induzir numha primeira impressom a pensar ao leitor serem estes dous poetas os primeiros na hierarquia unamuniana, o que, nom sendo incorrecto, tampouco era exacto; eram, sim, mas entre os mais recentes. Ao longo das páginas dos diferentes artigos, vai estabelecendo um cánone dos últimos setenta e cinco anos aproximadamente que tem as suas figuras cimeiras em Herculano, Camilo, Eça de Queiroz (mas neste caso sempre 'com um pé atrás' polo seu francesismo) e Guerra Junqueiro, este último o único vivo do seu particular Parnaso. Convoca também os nomes de Antero e Correa d'Oliveira, em destaque, Soares dos Reis, Trindade Coelho e o seu amigo Laranjeira. De resto, considera que (17) «la literatura portuguesa, en cuanto merece leerse, data del siglo pasado, del período romántico, de la época de Almeida Garrett y de Herculano. Y creo que su verdadera edad de oro es la actual». Filias

comentando. E, no prólogo *à Antología de la lírica Portuguesa*, reitera-os, com destaque para, nos poetas, Castilho, Herculano, Garrett, Deus, Nobre, Antero e, sobretodo, Junqueiro. Dos novos destaca Sardinha E. de Castro, Pascoaes, Augusto Gil, Correia de Oliveira e Paço d'Arcos. J.M. Cossío, na sua antologia de sonetos portugueses (1933), coloca, da época em foco, Antero, Deus, Penha, Crespo, A. Feijó, Nobre, Gomes Leal, Junqueiro, Cândido Gerreiro, Augusto Gil, Correa d'Oliveira, Pascoaes e Eugénio de Castro.

[4] Para o estudo do relacionamento de Unamuno com Portugal som fundamentais os trabalhos de Á. Marcos de Dios, 1978 e 1985 e o de García Morejón (1971).

e fobias unamunianas transparecem ainda noutro artigo, «Desde Portugal», que data em Julho de 1908 em Espinho, cinco meses depois do anterior. Nele, nom era a primeira vez, nom poupa elogios para o Oliveira Martins historiador (e, naturalmente à concepçom iberista daquele), como nom poupa *puyas* a Teófilo Braga, «tan simpático y noble de carácter como insoportable escritor y horrendo... *poeta* (?)» [53].

Note-se que pom de parte praticamente toda a narrativa após Eça; coloca como central o género poético e aí o relevo é para os já clássicos da Geraçom de 70: Antero e Junqueiro; ao lado João de Deus (simples, natural, íntimo, popular); há consideraçom para estes aspectos em Nobre; como pano de fundo Camilo e, mais atrás, Herculano e Garrett; dos novos, Eugénio de Castro, amigo e colega universitário, nom se esqueça; dos mais novos, o igualmente amigo Teixeira de Pascoaes: panteísmo, infinito, saudade.

Características da Litteratura Portuguesa de Fidelino de Figueiredo, livro de 1915, cuja traduçom ao espanhol é publicada com reveladora celeridade em 1916, vai alargar, que nom desmentir, a conformaçom do imaginário espanhol sobre a literatura portuguesa que o intermediário Unamuno transmitia.

O opúsculo é importante. Quer no original, quer sobretudo na traduçom, circulou de certo polos meios culturais espanhóis, aparecendo na revista *Estudio* de Barcelona (Núm. 38, 1916, pp. 203-230) que era revista de referência em praticamente todos os meios culturais interessados polo funcionamento do subcampo literário espanhol de produçom restrita; o seu tradutor Ramón María Tenreiro era colaborador da importante revista *España*. Fidelino era na altura o historiador luso mais activo e presente nos meios literários peninsulares[5], embora contestado desde alguns meios pola sua ideologia ou polo ataque frontal que pretendia fazer contra a escola representada por Teófilo (via de uniom com Unamuno). As alusons mais significativas à moderna literatura, referia-as a propósito precisamente do lirismo[6] (22). Dos séculos XIX e XX, cita Garrett, Herculano, João de Deus, Antero, Junqueiro, Gomes Leal, Nobre, Corrêa de Oliveira, de Castro, «y tantos otros» (22), a eles unindo, do seu tempo, o teatro de D. João da Cámara (23). Mas, em vivo contraste com Unamuno, omite o nome de Teixeira de Pascoaes, desqualificando o movimento que este encabeçava. Contraste que se prolonga ao nom ocupar Camilo (aludido no texto em várias ocasions) lugar de destaque, polo menos em relaçom às características marcantes da produçom literária lusa que enuncia, da que di (59) nom ter «continuidad de tradición» nem acusar «robustas

[5] É imprescindível para estes assuntos a consulta da Tese de Pedro Serra (1997).

[6] Citamos pola 2ª ediçom bonaerense, a única a que tivemos acesso; consta-nos que a obra nom varia do original para esta traduçom.

tendencias hacia la creación psicológica», com a excepçom, nem sempre firme, de Eça (62) e os contributos de Antero e Junqueiro (65)[7].

Apontamentos para a cartografia

As traduçons entre 1900 e 1930 revelam umha primazia de *Eça de Queirós* indiscutível e sustentada no tempo, por encima de qualquer outro escritor português, vivo ou morto: de Eça ia caminho de traduzir-se tudo. Excepto o livro «*El primo Basilio* «versión castellana de un aprendiz de hacer Novelas», publicada em Madrid em dous volumes pola El Cosmos Editorial, em 1884, e a versom de O Crime do Padre Amaro, *El crimen de un clérigo*, traduzido por «un ex-jesuíta» na madrilena Imprenta de Juan Iniesta, 1882, nada dele se traduz, em volume até 1901, o ano após a sua morte, no sistema espanhol[8]. A partir dessa data, as traduçons em livro sucedem-se: sem indicaçom de lugar nem editora, em 1901 é publicada *La Reliquia* por C[amilo] Bargiela e F[rancisco] Villaespesa. No ano seguinte, na Imprenta La Irradiación de Madrid *El mandarín*, no número três da colecçom de nome significativo Nuevos Clásicos, e, significativamente também, sem mençom de tradutor. Nesse ano, a editora barcelonesa Maucci[9] começa umha série de traduçons iniciada pola mesma *A Relíquia*, aparecendo como tradutor Valle Inclán, a que seguem, em 1903, *La Ciudad y las sierras*, por E. Marquina, e, em 1904, *Los Maias* por um habitual tradutor de Maucci, Augusto Riera, e *El primo Basilio*, em traduçom atribuída a Valle Inclán, como a do *El crimen del padre Amaro* publicada também nesta primeira década.

A obra de Eça, pois, é publicada num quadro de objectivos de grande produçom, na expansom industrial da editora no contexto empresarial da Barcelona

[7] Fidelino reiterará estas opinions, como no prólogo que escreveu para a antologia *Sonetos Portugueses* de Cossío (1933).

[8] É esta umha afirmaçom discutível: Fein (1958:561) fala dumha traduçom de 1875 na *Revista Occidental*, que nom identifica, mas que julgo engano com a lusa em que Eça deu a primeira versom do seu *O Crime do Padre Amaro*, e doutra de 1895, na *Revista Cubana*. Em todo o caso, que saiba, nada em volume. Possivelmente, Fein aluda a umha traduçom de Carlos de Velasco de *Cartas familiares y billetes de París*, na Sociedad Editorial Cuba Contemporánea, da autoria de quem foi cónsul em Havana, publicada em Cuba em 1919. Em 1895, Cuba era território espanhol; razom porque talvez podemos falar dum sistema espanhol com enclave no espaço social cubano nessa altura...

[9] A Casa Editorial Maucci fora fundada em 1892 e tinha como política de publicaçons as grandes tiragens a preços populares, penetrando nom apenas no mercado espanhol mas hispanoamericano (Martin). Publicava sobretodo traduçons, salientando a literatura francesa (de Portugal só traduz Eça), e nela funcionam tanto autores consagrados nos campos literários de produçom restrita como no campo da grande produçom, traduçons polidas e textos mesmo reduzidos (Martin) como também capas sérias e sóbrias com, muitas outras, de impacto e menor qualidade material (Llanas, 2002:11). Ora, e convém nom perdê-lo de vista, o empresário Manuel Maucci acolheu, desde o início, nom poucos autores hispanoamericanos, entre os quais, Rubén Darío.

de finais do século XIX, combinada com a presença de tradutores prestigiados já como produtores nos campo da produçom restrita e da crítica literária, como Valle, ou em vias de sê-lo, como Marquina, além dos já citados Bargiela e Villaespesa, e, mesmo, no campo do poder, como o já célebre sindicalista Juan José Morato, de cuja autoria é o *Epistolario de Fadrique Mendes: (Memorias y notas)*, em 1907. O sucesso de Maucci, e, em concreto, destas traduçons, é grande. Em 1908 sai a terceira ediçom da traduçom de *A Relíquia*, e em 1910 a quarta de *La Ciudad y las Sierras*, agora já com explícito lugar de publicaçom Buenos Aires, além de Barcelona, o que mostra a consolidaçom do negócio empresarial de Manuel Maucci através dos seus irmaos em Hispanoamérica.

A partir desta época, novas editoras somam-se ao negócio da traduçom de Eça, cuja continuidade no tempo parece espelhar bons resultados editoriais: o ateneísta e autor de comédias madrileno Enrique Amado traduz para José Blass y Cía *O Mistério da estrada de Sintra* (1909, segunda ediçom de 1916, na Tip. Artística). Pedro González-Blanco, com boas relaçons com Rubén Darío ou Blasco Ibañez, publica a sua traduçom de *A ilustre casa de Ramires* na Fernando Fe. Desta obra sairám ainda ediçons, do mesmo tradutor, em 1911 (Libr. de Fco. Beltrán), na Imp. La Artística, em 1918 e outra em 1925 na mesma Beltrán. Amado traduz para a colecçom El cuento semanal *El difunto*, com ilustraciones de Rickers (1910), e dará à luz *Leyendas de Santos* para a Imp. Renacimiento em 1915-1916. Nesta primeira década, sem poder precisar a data, sai *La nodriza. Singularidades de una muchacha rubia. Adán y Eva en el Paraíso. Un poeta lírico* traduzidas por Álvarez Ródenas para a Colección Diamante da barcelonesa Librería Española, Antonio López, Editor. Na Juan Pueyo publica o professor Aurelio Viñas a traduçom de «Cartas de Inglaterra», em 1918, que é anunciada como «Obra inédita en castellano» na secçom editorial «Biblioteca de Autores Célebres», com segunda ediçom em 1920 e explícita difusom também na América. Em pouco conseguiria adiantar-se a Juan Pueyo à também madrilena «Biblioteca Nueva», ligada à Rivadeneyra e sucessores, que, no mesmo ano, e com a autoria da traduçom e, note-se, prólogo, de Andrés González-Blanco, publicava *La decadencia de la risa; Notas contemporáneas. Cartas de Inglaterra. Últimas páginas. Cartas familiares y billetes de París. Ecos de París*. Este tradutor dará em 1919 a sua traduçom de *El Mandarín* na Biblioteca Hispania, de Madrid, e *El Señor Diablo*, nesse ano, na «Biblioteca Nueva». Nesta editora e deste tradutor há umha ediçom, que nom pudem consultar[10], de *Cartas de Inglaterra*, com prólogo de *Colombine*, que calculo seja publicada por estas datas[11].

[10] Aparece, por exemplo, na base de dados da Biblioteca da Universidad de Málaga (http://www.uma.es/servicios/biblioteca/GILMUNIZ.HTML). Em http://www.bigdir.com/auz/1140.html, dam-na como parte do catálogo da Librería Brönte.

[11] García Benito (1999) dá-a como de 1904, mas penso que é erro: a ediçom da Chardron, no Porto, é de 1905. Aliás, Andrés González-Blanco apenas teria 18 na altura, e julgo que a Biblioteca

Na «Biblioteca Nueva» publica A. González-Blanco o seu *San Cristóbal*, em 1920, na já denominada *Colección: Obras de Eça de Queiroz* e, depois, o *San Onofre*. A. González-Blanco, irmao pequeno do referido Pedro, crítico e poeta modernista atento às vanguardas e já figura de relevo no campo da altura, ainda vai publicar na Sucesores de Rivadeneyra, em 1921, *Cartas de Inglaterra*. Nesta década de 20 sai na «Biblioteca Nueva» *Prosas Bárbaras y otros ensayos* (ca. 1924), *Notas contemporáneas* e *Últimos ensayos*, traduçons da autoria também de A. González-Blanco. Já em meados da década de 20, em 1924, Fernández Flórez publica, comentadas, *Las más bellas páginas de Eça de Queiroz* na Imp. Clásica de Madrid, que prolonga com a traduçom de *A Capital*, para a também madrilena Signo, em 1930, ano em que também sai na Prensa Moderna *El difunto* na sua Colección Popular. Até ao início da guerra, vam conhecer a luz novas traduçons, com destaque para A. González-Blanco, falecido em 1924[12], e Wenceslao F. Flórez, deste *Una Campaña Alegre* na Biblioteca Nueva, sem indicaçom de data[13]. Antes, em 1927, é reeditado pola Cervantes *El primo Basilio*, com prólogo da jovem Elisabeth Mulder de Dauner, reediçom do texto da El Cosmos de 1884.

Camilo era também conhecido, muito menos que Eça, sobretodo com o seu *Amor de Perdição*, cuja traduçom para espanhol tinha várias ediçons na filial parisina de Thomas Nelson and Sons nestas décadas, polo menos em 1916 e 1930, continuando a que já fora feita em 1872, sem citar-se tradutor, para a Imprenta La Nueva España. As *Novelas do Minho* conhecêrom algumha difusom: Pedro Blanco Suárez, assinando-a com siglas, deu para a Librería Española na primeira década do século *María Moisés*; Amado publicou *La Inclusera*, em 1916 na Juan Pueyo; agora com apelidos completos Blanco Suárez traduzia para a Tipografía Renovación, com sedes em Barcelona e Madrid, *Dos novelas del Miño* no 1919, e na colecçom «La novela chica», na madrilena Prensa Popular, saíam, sem indicaçom de tradutor (algo habitual em colecçons populares) *El comendador* em 1924 e *La viuda del ahorcado* no seguinte ano.

Da restante tríade romántica lusa, *Garrett* só conta com umha traduçom entre 1900 e 1930, a primeira, que eu saiba, depois da feita em 1859 por Emilio Olloqui para a Imprensa Nacional lisboeta: as duas do *Frei Luís de Sousa*, a máis recente de, talvez, 1925, para a Compañía Iberoamericana de Publicaciones na sua

Nueva nom existia como editora na altura (existira a Imprenta Biblioteca Nueva nos meados do século XIX).

[12] Sobre o labor como tradutor de Eça de A. González-Blanco e das traduçons e recepçom de Eça nesta época pode consultar-se Losada Soler (1986 e 2000), Mayone Dias (1991), García Benito (1999). Sobre a sua figura e trajectória de A. González-Blanco, vid. Martínez Cachero (1963). E, a sempre imprescindível Bibliografia queiroziana de Ernesto Gerral da Cal (1975-1984).

[13] Ref. em http://www.bigdir.com/au1/1140.html.

colecçom «Bibliotecas Populares Cervantes. Las cien mejores obras de la literatura universal». Castilho nom tinha nengumha traduçom para espanhol. *Herculano* também nom era mui divulgado. Registam-se: *Arras por fuero de España; La dama del pie de cabra: leyendas y narraciones de Alejandro Herculano* por Ricardo Blanco Asenjo para a editora Perlado, Páez y Compañía, 1910 (Imp. de los Sucesores de Hernando) na sua «Biblioteca universal: colección de los mejores autores antiguos y modernos, nacionales y extranjeros», que era reediçom da de 1874 e 1883. *Leyendas y narraciones*, e incluindo textos diversos à anterior e à de Fortanet, de 1883, para quem traduzira Salustiano Rodríguez-Bermejo *O Pároco de aldeia* e *De Jersey a Granville*, sai na «Biblioteca Internacional Económica» da Ginés Carrión de Madrid. Mui traduzido nas décadas de 70 e 80 do século XIX, agora só eram traduzidas estas narrativas e nestas colecçons. Entre 1900 e 1930 só contabilizei mais umha: *La dama del pie de cabra* na colecçom La novela chica da Prensa Popular, em 1924, sem registo de autor.

Nada aparece traduzido em volume, entre 1880 e 1936, de João de Lemos, Soares dos Passos, Arnaldo Gama ou Mendes Leal. E nada de Tomás Ribeiro (falecido em 1901) ou de Bulhão Pato (morto em 1912), ambos os dous claramente produtores coevos dos anteriores. Nada tampouco de António Feijó, J. Penha, Simões Dias, Gonçalves Crespo ou Cesário Verde. E nada de Silva Gaio. De elementos da geraçom de 70 como Guilherme de Azevedo ou *Ramalho Ortigão* nom existem traduçons, excepçom *queirosiana* feita do *Crime da Estrada de Sintra*.

Antero nom conhece atençom sistemática; na década de dez aparecem alguns sonetos traduzidos em diferentes números de *Estudio*. Na traduçom da *Salomé* de Eugénio de Castro anuncia-se *Los Sonetos*, em traduçom de Villaespesa com prólogo de Oliveira Martins, como na ediçom original dos *Sonetos Completos*, mas nom parece que fosse publicada. Já em 1921 Antero aparece tratado por A. G. Blanco para a Biblioteca Nueva em *Obra de Eça de Queiroz. Antero de Quental, Victor Hugo y otros ensayos. Notas contemporáneas*. Em 1926 saem *Los Sonetos Completos*, traduçom de Emilia Bernal e prólogo de Oliveira Martins, na G. Hernández y Galo Sáez. E de *Gomes Leal* aparece, na década de 20, umha selecçom poemática na colecçom «Las mejores poesías de los mejores poetas» da Cervantes, traduzidas por A. González-Blanco, Maristany e o relevante crítico sempre atento à literatura portuguesa Enrique Díez-Canedo.

De pensadores da época da geraçom de 70, Teófilo Braga nom é nunca traduzido em volume. De *Oliveira Martins* é a sua *Civilização Ibérica* a única atendida, já no século XIX, sendo traduzida no ano da sua morte por Luciano Tasconera para a Imp. Fortanet. Antes, fora publicada em Madrid «Navegaciones y descubrimientos de los portugueses anteriores al viaje de Colon», em 1892, na

Tipografia «Sucesores de Rivadeneyra», conferência ditada no Ateneo de Madrid no mesmo ano. Vinte anos mais tarde, o único texto de *Magalhães Lima* publicado na altura em espanhol terá a mesma origem: o título da conferência foi «La Ciencia del internacionalismo». Latino Coelho ou o caro a Unamuno Manuel Laranjeira, tampouco serám traduzidos.

De entre os escritores vivos já secundarizados, Guerra Junqueiro era quiçá o mais atendido, contando com numerosas traduçons, sobretodo de Marquina. Em 1910 e depois de Eça, *Guerra Junqueiro* era o mais conhecido e mais unanimemente celebrado da sua geraçom vertido ao espanhol, quer da sua linha intervencionista como da mais vinculada aos novos repertórios de finais do século XIX impulsionados polos neo-garrettistas, ou polo simbolismo *nacionalizado* de Nobre.

Em volume (já, v. gr., *Electra*, no seu nº 7 de 27 de Abril de 1901, publicara «Mañana de Abril»,) a editora barcelonesa F. Granada & Cª e o tradutor (e escritor) E. Marquina, dam, mui possivelmente no lapso de dous anos, (1909-1910: algumhas obras nom recolhem a data de publicaçom) os primeiros textos: *La Muerte de Don Juan; Los Simples* (que também sairá na Colección Austral de Espasa-Calpe); *Patria. Finis Patriae. El cazador Simón. A Inglaterra*; *La Musa en ocios* [sic]. *(Idilios y Sátiras)*, *La lágrima. Victoria de Francia*; outra vez *La muerte de Don Juan (Poesías)*, agora, 1910, precedida do rótulo «Obras Completas» e *La vejez del Padre Eterno*. Polas mesmas datas Rey Soto, também actuante no campo galeguista da altura (onde Junqueiro tinha grande relevo, entre outras razons pola acçom de Curros Enríquez) publicava a sua versom de *A lágrima* na Impr. Artística Española 1910; e, em 1914, saem os *Cuentos para la infancia* traduzidos por Martínez de la Riva para a editora Gabriel López del Horno. Este relatório dá conta do êxito de Junqueiro e do especial interesse pola sua obra de modernistas como Marquina e da F. Granada & Cª, mui virada para a publicaçom doutros poetas afins, como Villaespesa ou Darío. Junqueiro era o único poeta vivo de toda umha época e geraçom, célebre polo seu intervencionismo político, aplaudido por Unamuno, numha certa homologia funcional no regeneracionismo de 70 e 98. Mas, a partir da última data citada, nom aparece outra traduçom, rapidamente secundarizado no campo literário luso e, em boa medida como conseqüência, no espanhol: toda a obra que dera razom de ser à sua popularidade fora já traduzida e nunca fora prolongada (antes polo contrário) polo activo produtor de outrora.

Sonoras (em contraste com a sua popularidade lusa e a afecçom de Unamuno) som algumhas ausências. Um poeta inexistente em volume no panorama espanhol é João de Deus e só com poemas soltos, como o traduzido por Enrique Díez Canedo, em 1916 no nº 5 da revista barcelonesa *Estudio*, ou o

«Encanto», na série poetas portugueses do n.º 24 da revista *Alfar*, já em 1923. João de Deus, morto em 1896, era um escritor do passado. Foi sobretodo a partir da sua morte quando aumentou o seu sucesso, perspectivado como poeta popular e simples, características que precisamente nom garantiam a transferência a outros sistemas, porque podiam logo relacionar-se com pouca qualidade ou pouca inovaçom e excessivamente coladas ao seu espaço geo-social. O seu era um repertório mui ligado às cantigas tradicionais ou aos cancioneiros, e nom pertencia a grupo nengum, polo que nem se podia ver arrastado pola força doutros nem podia beneficiar dum projecto colectivo, nem ser em funçom dele pespectivado (como, por exemplo, os grupos ultra-românticos ou a Geraçom de 70).

Ainda mais sonora é a ausência de *Antônio Nobre,* por razons em parte similares às de João de Deus; dele nada se traduz, que saibamos em volume (o *Solo* em versom de Villaespesa anunciado na traduçom de *Salomé* de E. de Castro nom parece ter passado do anúncio). A mais importante traduçom é a realizada por Álvaro das Casas em 1927, que, na sua conferência, traduz bastantes trechos de *Só*. Do seu 'teórico' e também poeta Alberto d'Oliveira apenas conhecemos *Eça de Queiroz: (páginas de memorias)*, com traduçom e notas de Ernesto de la Cruz, publicado em Santiago de Chile, em 1925, pola Imprenta Universitaria.

Caso diverso é, e maior relevância reflecte, *Eugénio de Castro*. Conhecendo umha forte oposiçom no campo luso, este simbolista *à francesa* em origem, mas paulatinamente bebendo de fontes tradicionais, aparece no campo espanhol em virtude da pertença deste ao intersistema de literaturas de língua espanhola. Só anos depois e por materiais quase contrários aos que motivaram a sua transferência no sistema argentino, este professor coimbrao e a sua obra reforçarám a sua posiçom no campo espanhol por mao 'autóctone'; mao poderosa, bem é verdade, qual era a de Unamuno: *Constança* aparece em 1913, na «Revista de Archivos», de Madrid, traduzida por F. Maldonado e com prólogo de quem considerara anos antes o texto como o principal e mais genuíno de Castro. *Constança* ficava longe, em introdutor, em repertório e no tempo, de *Belkiss*, cuja traduçom por parte de Luis Berisso conhecia em 1899 a sua segunda ediçom bonaerense, editada por Félix Lajavona (a primeira é de 1897, Jorge A. Ken editor) acompanhada de umha notícia crítica de Leopoldo Lugones. O Simbolismo (ou, dito *modo espanhol*, o Modernismo) hispanoamericano transferia um seu par reforçando o seu movimento (ainda em 1919 sairá *Belkiss, Reina de Sabá, de Axun y de Hymiar* na Biblioteca de Autores Célebres da editora América, com prefácio de Lugones). De de Castro e das duas vertentes/recepçons da sua obra o que nom entrava pola porta, fazia-o pola janela modernista do sistema literário espanhol, aberta quase de par a par. Tanto assim que em 1908 saía em Bogotá a traduçom de Samuel López do *Anel de Policrates*. Em 1913 conhece luz em

Madrid a traduçom de *El Rey Galaor* feita por González Olmedilla para a Imprenta Artística Española. *Salomé y otros poemas*, traduzido por Villaespesa e com um estudo-prólogo de Darío (a sua «Conferencia leída en el Ateneo de Buenos Aires sobre el poeta E. de C. y la literatura portuguesa», em 1896[14]) sai em Madrid em 1914, na Imprenta Artística de Sáez Hermanos, e nele é anunciado *El hijo pródigo y otros poemas*, com traduçom e estudo introdutório de Villaespesa. A Imprenta M. García y Galo Sáez acolherá em 1916 a traduçom de *La sombra del cuadrante* (com este antetítulo: *Florilogio Latino*) realizada igualmente por Villaespesa e acompanhada de textos de Darío, Abel Botelho e Vittorio Pica. A conferência de Darío[15] acompanha a ediçom mexicana de *Poemas Escogidos*, de 1919.

Esse paulatino e bem firmado ascenso de Castro no campo espanhol (com padrinhos como Unamuno, Darío ou Villaespesa, de tam variada como influente freguesia) mostra um ponto de extraordinária e reveladora altura com a publicaçom, na década de 20, e na colecçom «Las mejores poesías líricas» da Cervantes dumha selecçom poemática com traduçons de A- González-Blanco, Olmedilla e Maristany e o projecto, depois interrompido, de publicaçom das *Obras Completas*, iniciado com *Oaristos* e *Horas* e um «Ensayo del traductor», que é González Olmedilla, para Torrent & Cía, em 1922 (conta o autor 53 anos). Ora, note-se: o sucesso de Castro sustenta-se sobre a projecçom da sua obra nos meios hispanoamericanos[16], e mui particularmente do teatro ou o poema dramático (nom dos seus primeiros livros de poemas) e ela exerce efeito no campo literário espanhol, onde a *conexom modernista*, quer dizer-se, os núcleos ligados a Darío, Lugones, etc. deveu ser excelente fio condutor com o determinante papel do seu também amigo Villaespesa. Isto, sem negligenciar a importante dedicaçom de Unamuno à obra de Castro tanto nos meios bonaerenses como nos espanhóis, o que consolidava extraordinariamente o lugar consagrado do poeta, ao conseguir o referendo de sólidos representantes de duas tendências e grupos diversos e, por vezes, contrários nos campos literários em foco e no conjunto do intersistema cultural. De resto, interessa lembrar que a sua obra era objecto de acompanhamento em vários países europeus, com traduçons para italiano e francês de obras nom traduzidas ainda para espanhol, com umha

[14] Darío incluiu-na no seu livro *Los Raros*, que conheceu a sua primeira ediçom espanhola em 1905, na Maucci. Antes fora publicado em Buenos Aires, nos Talleres 'La Vasconia'.

[15] Penso tratar-se do mesmo texto que anos depois acompanhará os *Poemas Escogidos*, mas nom pudem consultar este livro.

[16] Em carta de Darío a de Castro, comenta o autor de *Azul* (21 de Julho de 1899):

Es lástima que en España no se conozca la actual literatura portuguesa. Más sabemos nosotros en América que los españoles. Tanto mejor para nosotros» (in Fein, 1958:557).

atençom crítica nesses sistemas de referência prévia à de núcleos relevantes do sistema espanhol[17] (Fein, 1958:557).

E se o ascenso tivo ponto de partida no *Belkiss* convém sublinhar o facto da celeridade com que algumhas das obras de Castro som traduzidas. Com efeito, *Belkiss* é de 94 (tem o escritor vintecinco anos) e *O Anel de Polícrates* do 1907, por pôr exemplos relevantes, o que quer dizer que Castro estava na moda e alguns dos seus introdutores nom esperavam muito tempo a conhecer repercussom no campo de origem: havia interesses imediatos de publicaçom, entre os quais o de reforçar a posiçom modernista no intersistema de língua espanhola. É o caso de Villaespesa que, na carta antes citada, di ao poeta luso que o considera «el primero de todos los poetas peninsulares», mostrando o seu entusiasmo por *Salomé* e pedindo-lhe poder publicar os seus primeiros livros num volume. Nessa missiva, aliás, julga-o precursor em Portugal da renovaçom que Darío e ele mesmo «estamos ahora operando en las letras castellanas»:

> Es preciso que Ud. nos ayude con todas sus fuerzas en esta cruzada de arte, en este llamamiento a la juventud de ambos paises, hoy extraviada por atajos sociológicos y caminos pedregosos. Es preciso que Ud. vuelva a la lucha, que se apiade de la juventud de su país, que hoy, como rebaño suelto se pierde miserablemente, seducida por cuatro palabras huecas y sonoras, que aunque tengan significación en la materialidad de la vida no la tienen en el Arte.
>
> En fin, mi querido poeta, que sea Ud. el paladino de este combate decisivo, el que nos conduzca a la victoria suprema.

Este fenómeno de rápida e maciça vulgarizaçom nom só é comparável ao de Eça. O caso de de Castro mostra como um grupo ascendente num campo transfere como «aliados» elementos doutros para reforçar as suas tomadas de posiçom.

Quanto a outros narradores nom definitivamente cobertos pola alargada sombra de Eça no sistema literário espanhol, salienta a obra de *Júlio Dinis,* por meio da sua tradutora para espanhol María Luz Morales, galleguista y periodista en Barcelona, mas só a partir do 1923, em que, na Sociedad General de Publicaciones, saem, ilustrados, *Los hidalgos de la casa morisca*, reeditado no ano seguinte, *La mayorazga de los cañaverales* (1925), *Una familia inglesa* (1926)

[17] E nom 'de Espanha': nom pode confundir-se sistema literário e delimitaçom geo-política de espaços sociais: Eugénio de Castro era conhecido e lido no incipiente protossistema cultural galeguista, vindo mesmo a ser correspondente fundador da Academia Galega em 1906. De resto, a entrada de Castro no sistema espanhol, antes de 1902, tem lugar através de elementos periféricos no sistema (cfr. Fein, 1958: 557 e ss.).

e, sem precisom de data mas por essa altura, *Las Pupilas del señor Rector*, em traduçom de Ribera i Rovira.

Abel botelho gozava de relativa vulgarizaçom. Felipe Trigo publicara em 1907 a sua traduçom em dous volumes de *El Barón de Lavos*, na «Biblioteca Hispano-Americana» da Arróyave y González, prologando-o. Em 1915 e 1916 saíam os dous volumes de *Fatal dilema*, traduçom da autoria de Miguel Álvarez Ródenas na colecçom «Biblioteca Hispania», e deste mesmo em 1917 *Los Lázaros. El Libro de Alda*, também em dous volumes e traduzido por A. Guilmain sai em 1919 na Rafael Caro Raggio. O seu relativo sucesso de Botelho no campo literário espanhol pode explicar-se, além de relaçons pessoais, na sua chegada ao campo espanhol da mao de Felipe Trigo, cujas obras nom distavam muito da estética e temática de Botelho, fortemente naturalistas mas com alguns materais tirados do repertório decadentista. Por outro lado, o autor português era quase um símbolo para alguns de autor perseguido polas suas ideias audaciosas e provocativas, proibido em ocasions. Botelho conhece o seu maior êxito com «Patologia Social», que publica ente 1891 e 1910, as duas balizas políticas fundamentais do Portugal entre os dous séculos, e em que se integram três dos romances traduzidos. *Os Lázaros*, de 1904, nom pertence a esse projecto.

Outros, como *Teixeira de Queirós*, nom corrêrom tanta fortuna tradutora: deste, apenas podemos registar o volume *Cuentos*, em traduçom de Pedro Blanco Suárez, na Tip. Renovación de Madrid em 1920, que será reeditado na Colección Universal em 1935 nos já Talleres de Espasa-Calpe.

De *Trindade Coelho*, outro importante intermediário de origem catalá, Rafael Altamira, publicara em 1899 a sua traduçom *Mis Amores (Cuentos y Baladas)* na Editorial Juan Gili, de Barcelona, ilustrada por Luis García Sampedro. Era a época de maior sucesso do autor em Portugal. Vinte anos mais tarde, morto já o autor em 1908, e com o título *Mis amores. Amores nuevos. Amorcillos* sai na Calpe de Madrid a traduçom de Blanco Suárez, com prólogo de Carolina Michaëlis de Vasconcellos, reeditada por Espasa-Calpe em 1933. Nom podo precisar a data doutra traduçom, saída por volta da década de 10, com o título *Nuevos Amores*, traduzida polo escritor Ángel Guerra para a Biblioteca Patria.

Quanto a *Fialho de Almeida, La ciudad del vicio* aparece, prologada polo seu tradutor, A. González-Blanco, na «Biblioteca Nueva» na Colección de Grandes Autores, possivelmente em 1920, e outra de P. Blanco Suárez em 1923, *El funámbulo de mármol*, na Colección Contemporánea de Artes de la Ilustración de Madrid, vários anos após a sua morte, portanto. Desconheço a data em que a Imprenta de M. García y Galo Sáez publicou *El país de las uvas*, traduçom de Villaespesa, talvez anterior às citadas.

Malheiro Dias surge traduzido no panorama espanhol em 1922, com a versom *Pasión de María do Céu* de Blanco Suárez para a Colección Universal da Calpe, com um estudo de Aquilino Ribeiro publicado na *Atlântida* em 1917. Um romancista de trajectória ascendente no campo literário português introduz um clássico; esta, aliás, parece ser a razom da sua inclusom no projecto panorâmico da «Colección Universal»: no campo português parecia existir um alargado consenso em considerar a obra como de qualidade e a mais significativa do aclamado sucessor de Eça, que acabara por perder-se para o bom romance...: era o texto em particular e nom o romancista o reclamado.

Raúl Brandão aparece traduzido já nos anos vinte e é o Brandão narrador 'mais onírico e fantasmático' o que aparece, em 1921, com *Los Pobres*, na madrilena editora Suc. de Rivadeneyra; o tradutor é Valentín de Pedro mas o mais relevante é o facto de ir introduzido por umha carta-prólogo de Guerra Junqueiro. Em 1922 aparece *La farsa*, do mesmo tradutor na Calpe, e em 1925 *Humus* em Barcelona por Ribera i Rovira.

Do campo literário português, umha das autoras mais traduzidas é *Alice Pestana* (Caïel). Nascida em 1860 e com certa relevância no sistema português, Pestana nom é, no entanto, umha autora que figurasse no seu cánone. A sua importante presença no campo da traduçom literária espanhola deve-se à rede estabelecida entre a Institución Libre de Enseñanza e os seus parceiros lusos. Pestana, feminista, pedagoga, cronista no *Diário de Notícias*, casa em 1901 com Pedro Blanco Suárez, professor da Institución, o que mostra esses contactos e pode estar detrás da prolífica traduçom dos seus textos. O seu título *Genoveva Montaña*, prólogo de Teófilo, sai na madrilena Fernando Fe (editora vinculada à ILE e ao krausismo), em 1900, «versión española por Un Lusófilo (Blanco Suárez?). Já em 1903, as siglas do seu marido aparecem ao pé de *Cuentos* na barcelonesa Librería Española, de Antonio López. No 1909 aparece *Desgarrada*, romance traduzido significativamente por Hermenegildo Giner de los Ríos na editora também barcelonesa F. Granada y Cia. Com o nome de Alice Pestana aparece em 1915 o original *La educación en Portugal*, mostra da sua já integraçom no ambiente cultural espanhol, publicado, observe-se, pola Junta para Ampliación de Estudios e Investigaciones Científicas, e, em 1916, *Tendencias actuales de la tutela correccional de los menores* na Imp. del Asilo de Huérfanos, na Colección Biblioteca Pro Infancia. Com motivo do seu falecimento, em 1929, publicará-se em Madrid, por Julio Cosano, um volume a ela dedicado: *In memoriam/Alice Pestana* (1930).

Um caso singular no panorama das traduçons no sistema espanhol é o do romancista *Manuel Ribeiro*. Nascido em 1878, sindicalista libertário e membro do Partido Comunista primeiro, evoluindo depois para um catolicismo socialmente

empenhado, foi célebre à época a sua trilogia d'*A Catedral*, *O Deserto* e *A Ressurreição*, iniciada em 1919. Tenho notícia da traduçom para espanhol das duas primeiras, *La Catedral* por Álvaro de Heredia (Renacimiento) e *El Desierto* (Espasa-Calpe) por José Olalla, esta em 1931, aquela penso que anterior mas sem data.

Quanto ao teatro, *Júlio Dantas* era o autor mais vulgarizado. Villaespesa (com o seu habitual colaborador Martín Toro) é o seu exclusivo tradutor nestes anos da década de 10, com a excepçom de *Santa Inquisición* que saiu na Biblioteca Teatro Mundial de Barcelona em 1915, traduzida por I. Ribera i Rovira. A traduçom da sua *Ceia dos Cardeais* foi publicada em 1913, na Imp. Hispano-Alemana, e a de Ribera i Rovira para catalám em 1917 em «La Novel.la Nova», ano e colecçom que, numha antologia, *Cants a la Patria*, recolhe *Roses de tot l'any*, traduzida polo mesmo autor[18]. De 1914 data o *Don Beltran de Figueiroa*, na Vda. de Pueyo-Impr. Helénica; *El primer beso* (M. García y G. Saez) figura sem data mas provavelmente é de 1916, quatro anos antes de que, na referida colecçom «La Novel.la Nova», publique Ribera i Rovira umha traduçom desta e outra de *Sóror Mariana* para catalám; o «sainete en verso» *Don Ramón de Capichuela*, saiu em Madrid em 1917 na Suc. de Hernando M. García y S. Sáez; e a Imprenta Hispánica dá à luz em 1920 *La Severa*, adaptaçom lírica de Federico Romero e Guillermo Fernández Shaw com música de Rafael Millán. Ribera i Rovira será autor da traduçom *La cortina verde* publicada em El Teatro, de Buenos Aires, em 1922. A de Villaespesa de *A Ceia dos Cardeaes* ainda sairá em 1924 na colecçom «La Novela Teatral», da Prensa Popular, mas nom haverá já novas traduçons do autor neste período.

Ora, era o Dantas, simbolista, triunfante na cena portuguesa de começos de século, o Dantas autónomo que conhece com a *Ceia dos Cardeais* sucesso e fama de bom autor teatral e que, sem dúvida, alastra para obras anteriores (*A Severa*) ou posteriores; com um limite, 1915, data de *Soror Mariana*, mas data igualmente da Presidência da Academia das Sciências de Lisboa, e da publicaçom das crónicas que vinha fazendo sob o título *Ao Ouvido de Madame X*, que lhe valiam críticas de grosso calibre, como já deduzimos no *Inquérito*, pola

[18] Convém nom esquecer que nesta época determinadas factos no campo literário catalám tinham efeitos no espanhol (e, claro, vice-versa). A atençom que o panorama cultural luso conheceu no quadro peninsular tivo sem dúvida no campo catalám umha pioneira atençom sistemática desde, sobretodo, o último quartel do século XIX e Ribera i Rovira foi um dos principais intermediários. O *conhecimento catalám*, portanto, gerava indubitavelmente umha marca de credibilidade e prestígio em determinados meios espanhóis. Sirva como exemplo que, na publicaçom *Cants populars catalans: Antics i moderns* de La Novel.la Nova de 1920 em que se inclui a traduçom de *Sóror Mariana* e *El primer petó*,, aparecem, ao lado dos cataláns, e além de Dantas, Guerra Junqueiro (*Oració al pa i altres poemes*) e Eça de Queirós (*El difunt*).

sua alegada frivolidade, ligeireza, e, enfim e fundamentalmente, polo progressivo carácter heterónomo que mostravam. Um ano mais tarde virá o «Manifesto Anti-Dantas» que, ao escolhê-lo como alvo, coloca-o como representante da má literatura, da literatura fortemente conservadora e institucionalizada, heterónoma, perspectiva no campo que o seu progressivo conservadorismo e os numerosos cargos oficiais que vai ocupando nestas datas, e mais concretizadamente, a sua trajectória na Academia das Sciências, em que ingressara em 1908, apenas contribuem para solidificar. Nem a sua poesia nem as suas crónicas som objecto de traduçom neste período: o intermediário, Villaespesa, nom podia sair dos limites ético/estéticos com que queria aparecer no campo espanhol traduzindo obras que os transgrediam: um tradutor, *maxime* se escritor, é percebido como aquilo que traduz...

Teatro português traduzido nesta época Dantas... e quase só ele. Nem de Lopes de Mendonça nem de Carlos Selvagem se regista traduçom. De *Pinheiro Chagas*, aparecera em 1886 *El hijo del pueblo: drama arreglado del portugués á la escena española en prosa y en cuatro cuadros y un epílogo* por Rafael García y Santisteban, na Imp. de José Rodríguez. De *João da Câmara*, morto em 1908, a comédia *Media noche* em versom de Nombela y Capos, na madrilena Imp. de «La Ultima Moda», em 1907.

De *Marcelino Mesquita* registam-se títulos de traduçons de Villaespesa (*Almas Enfermas* e *Dolor Supremo*) noutras obras por ele transladadas, mas nom há confirmaçom da publicaçom; sim podemos fazê-lo da comédia *Envejecer* publicada em Madrid em 1921 (morto já dous anos antes o autor de *Terras de Espanha*) e traduzida por Cristóbal de Castro para «La Novela Teatral», de Prensa Popular, em 1921.

A primeira traduçom em livro do poeta dominante do sistema literário luso, *Teixeira de Pascoaes*, de que temos notícia é de 1920, por Valentín de Pedro, *Tierra Prohibida*, para a colecçom «Los Poetas» da Calpe. Em 1923 sai *Regreso al Paraíso* traduzida por Maristany com prólogo de Leonardo Coimbra, na Cervantes de Barcelona. Por volta de 1925, a Cervantes edita *Poesías. De Teixeira de Pascoaes*, traduzida por Maristany e sendo o desenho das capas do célebre já Arturo Ballester. Em 1935, prologada por Unamuno, sai *San Pablo*, resultado da traduçom de Ramón Martínez López para a Apolo barcelonesa. De Leonardo Coimbra fora publicada *La alegría, el dolor y la gracia*, em traduçom de de Pedro, na Calpe, em 1921[19].

[19] Sobre a presença de Pascoaes no sistema literário espanhol, pode consultar-se a Tese de Cameirão (2001).

A nova estética e a ideologia nacionalista e tradicionalista lusas entravam indirectamente por via de *Afonso Lopes Vieira* no sistema espanhol. Indirectamente porque o livro traduzido, *Animales Nossos Amigos*, de 1911, nom respondia àquelas características, acompanhado das ilustraçons originais de Raul Lino e agora das de Arturo Ballester. Era a traduçom de Ribera i Rovira e de Fernando Maristany, eco talvez do conhecimento do primeiro da obra de Vieira em Lisboa.

Quanto aos integralistas, nom há traduçons ainda neste período, excepto de *António Sardinha*, morto em 1925, cuja *A Aliança Peninsular* é traduzida polo Marqués de Quintanar e prologada por Ramiro de Maeztu, em 1930, editada pola Junta de Propaganda Patriótica y Ciudadana. Em 27, Juan Beneyto Pérez prologara e traduzira artigos de Sardinha publicados na *Nação Portuguesa*, na Tip. Moderna de Valência. Doutros poetas próximos e de grande sucesso no panorama português da década de vinte, como Correia de Oliveira, nom temos notícia de traduçons nesta altura.

O modernismo da geraçom de Pessoa e da *Presença*, ou dos poetas a eles próximos, é desconhecido em Espanha pola via da traduçom em volume. Nem Pessoa nem os seus companheiros de *Orphéu*, nem Régio ou Gaspar Simões, António Botto, ou até Afonso Duarte. A única presença salientável é a de Almada Negreiros, nom como escritor, mas como debuxante, prolífico: ilustra vários livros da Rivadeneyra entre 1928 e 1930: *¡Más que Paulino...!* de González del Castillo, umha versom de *El club de los chiflados*, de Armont e Gerbidon, *El náufrago* e *Cuento de hadas* de Honorio Maura, *De La Habana ha venido un barco*, de Antonio Paso, *Oro molido*, de Federico Oliver, *Hilos de araña*, de Linares Rivas e *La hija de Juan Simón*, de José María Granada.

Mais eco, modesto, tivérom alguns romancistas contemporáneos aos modernistas. De *Aquilino Ribeiro* publica A. González-Blanco, *El hombre que mató al diablo* na Prensa Gráfica, de Madrid, na sua colecçom La novela semanal. E, sobretodo, *Ferreira de Castro*. Dele aparece em 1924 *El éxito fácil*, na colecçom sevilhana La novela del día, traduzido polo ateneísta José A. Vázquez. E em 1930, *Emigrantes*, para a Argis de Madrid, em traduçom de Luis Díaz Amado Herrero e Antonio Rodríguez de León, só um ano e dous anos respectivamente da saída do original. Nom tenho quase notícia destes também escritores, mas parecem-me filiados à direita catolicista espanhola.

E mais nada...

Note-se, aliás, que os mais clássicos nom afogavam os mais recentes: além de Camões, que contava com algumhas traduçons nestas décadas de *Os Lusíadas*[20], de antologias da sua lírica (na colecçom «Las mejores poesías líricas», por exemplo, com traduçom de Maristany, A. González-Blanco e as decimonónicas de Lamberto Gil), também a castelhana, e, em algum caso, dos seus autos (sendo destacável a importante traduçom de estudos sobre a sua vida e obra, o que indica o seu alto grau de consagraçom e atençom), pouca presença tenhem os mais clássicos. Pouco aparece da tríade clássica do Romantismo português e o sucesso de Júlio Dinis em termos de traduçom ao espanhol é de meados dos anos vinte do século. Entre 1880 e 1936 nom se publicam traduçons de Gil Vicente, Sá de Miranda, Mendes Pinto, Francisco Manoel de Melo, António Vieira, António J. da Silva ou Bocage.

Primeiras conclusons

À falta de maior aprofundamento nos materiais e nas redes estabelecidas entre os diferentes agentes e plataformas consideradas e tendo presente a multiplicidade de perspectivas com que o assunto pode ser focado, eis algumhas linhas de força:

a) em todo o período considerado, existe umha importante heterologia entre o alegado domínio da poesia no campo luso e o seu reflexo no sistema espanhol, só moderado pola importante presença de Eugénio de Castro, pola de Junqueiro na primeira metade do período em atençom e pola de Pascoaes a partir da década de 20.

b) Observa-se umha notável homologia noutros casos, como os de E. de Castro e Abel Botelho, os dous explicáveis por repertórios e agentes em ascenso no campo espanhol.

c) Várias editoras apresentam umha política estável de traduçons de escritores lusos; algumhas centradas num único autor ou linha, como Maucci e «Biblioteca Nueva» (Eça), F. Granada & Cª (Junqueiro), Calpe (narradores após Eça de Queirós), outras, como a Cervantes, atendendo a um espectro mais alargado. Noutros casos, o projecto divulgador parece obedecer mais aos interesses de produtores, como no de E. de Castro.

d) conseqüentemente, a presença da prosa lusa é dominante. Com Eça à frente, o autor traduzido por maior número de casas editoriais e dos tradutores mais activos: dos cinco que podem considerar-se: Marquina,

[20] Pode acompanhar-se a trajectória de *Os Lusíadas* no campo espanhol na documentada introduçom e ediçom de Nicolás Extremera Tapia e José Antonio Sabio da traduçom de Benito Caldera de 1580 publicada por Ediciones Cátedra em Madrid, 1986.

Villaespesa, A. González-Blanco, Ribera i Rovira e Blanco Suárez, só este nom traduz nengum volume de Eça. A narrativa «após-Eça» apresenta um leque alargado de autores traduzidos, em contraste com a poesia e o teatro, o que revela umha atençom maior, com destaque para Botelho na primeira época, sem dúvida impulsado pola traduçom de Trigo e por apresentar um repertório de sucesso, o naturalista, que mostra nom estar na alegada falência que lhe era atribuída nos inícios de século. O conjunto de autores traduzidos polos tradutores mais activos mostra essa dominância: Marquina (Eça e Junqueiro), Villaespesa (Eça, Castro, Dantas, Mesquita, Fialho), A. González Blanco (Antero, Eça, Aquilino, Fialho), Blanco Suárez (Camilo, Teixeira de Queirós, Trindade Coelho, Fialho, Malheiro Dias, Alice Pestana).

e) a poesia portuguesa, com a excepçom de Junqueiro e de Castro, nom tem grande importância no panorama tradutor. Salienta a inexistência de traduçons de Nobre, o que parece indicar que o seu repertório poético nom condizia bem com os objectivos modernizadores dos agentes principais do campo literário espanhol, o que ocorrerá com Junqueiro, introduzido ao rebufo do regeneracionismo de inícios de século. E, parece, também que aquele foi apagado por Eugénio de Castro, o que revela umha soluçom *a contrario* com relaçom às dominâncias no sistema português.

f) o teatro português tem pouca presença, exceptuando Júlio Dantas, resultado, possivelmente, das boas relaçons deste com alguns dos seus tradutores ou aliados no campo espanhol e do seu primeiro simbolismo. Essa presença, aliás, está limitada pola época em que Dantas vai enveredar por caminhos mais secundarizados no sistema luso.

g) E. de Castro ocupa, com Eça, o maior lugar de consagraçom, introduzido como aliado da nova poesia que se quer alargar no sistema literário espanhol: o simbolismo.

h) a atençom à mais recente poesia portuguesa é inexistente. O saudosismo só começa a ser atendido a partir da década de vinte, sem dúvida polo foco gerado em Catalunha, onde Ribera i Rovira e Maristany tenhem um papel relevante. O vanguardismo espanhol nom virava para (*precisava* de) o modernismo português.

i) todo indica que é decisivo o estabelecimento de redes que veiculam passagens e traduçons de autores e obras. Casos como o de E. de Castro ou Pestana, ou ainda o de Ferreira de Castro som reveladores.

BIBLIOGRAFIA

Antología de la lírica portuguesa. Seleccionada y traducida en parte por Rafael Manrique (s.d.). Prólogo de Álvaro de las casas, Madrid, CIAP.

CAMEIRÃO, Lurdes da Conceição Preto (2001), *Teixeira de Pascoaes e Espanha*. Tese de Doutoramento. Salamanca, Universidad de Salamanca.

CARRERA, Alejo (1914), «Los poetas lusitanos», *Vida Gallega*, 65.

CASAS, Álvaro de las (1927): *Poetas portugueses del siglo XIX : Antonio Nobre*: Conferencia pronunciada por Alvaro de las Casas, Madrid: Centro de Intercambio Intelectual Germano-Español.

CIDADE, Hernâni (1922), «O aspecto actual da literatura portuguesa», *Nós*.

DIAS, Eduardo Mayone (1991), «De cómo Eça foi assassinado em Espanha: as primeiras traduções queirosianas, *Colóquio Letras*, 121-122:131-141.

FERNANDES, M. Correia (1986), *Literatura portuguesa em Espanha : ensaio de uma bibliografia (1890-1985)*, Porto.Telos.

FIGUEIREDO, Fidelino de (1926), *Características de la literatura portuguesa*, Buenos Aires, Virtus.

GARCÍA BENITO, Ana Belén (1999), «Andrés González-Blanco: traductor fervoroso de Eça de Queirós, a través de sus notas», Anejo XXX de *Cuadernos de Filología*, Álvarez Sellers editora.València, Universitat de València.

GARCÍA MOREJÓN, Julio (1971), *Unamuno y Portugal*. Prólogo de Dámaso Alonso, Madrid, Gredos.

GUERRA DA CAL, Ernesto (1984), *Bibliografia Queirociana*, Coimbra, Actas Universitas Conimbirgensis.

LLANAS, Manuel (2002), «Notes sobre l'editorial Maucci i les seves traduccions», *Quaderns*, 811-816.

LOSADA SOLER, Elena (1986), *La recepción crítica de la obra de Eça de Queiroz en España*. Tese de Doutoramento, Barcelona, Universitat de Barcelona.

LOSADA SOLER, Elena (2000), «Eça de Queirós em Espanha», *Camões*, 220-227.

MARCOS DE DIOS, Ángel (1978), *Epistolario portugués de Unamuno*, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, Centro Cultural Português.

MARCOS DE DIOS, Ángel (1985), *Escritos de Unamuno sobre Portugal*. Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, Centro Cultural Português.

MARISTANY, Fernando (1918), *Las cien mejores poesías de la lengua portuguesa*; prólogo de I. Ribera i Rovira, Buenos Aires. e València, Cervantes.

MARISTANY, Fernando (1920), *Florilegio. Las mejores poesías líricas griegas, latinas, italianas, portuguesas, francesas, inglesas y alemanas traducidas directamente en verso por Fernando Maristany*, Barcelona, Cervantes.

MARTIN, Leona, «Entre *La antología de poetas hispanoamericanos* de Marcelino Menéndez Pelayo y *Los parnasos* de la Editorial Maucci: Reflejos del ocaso de la hegemonía colonial», *Ciberletras*, 15, http://www.lehman.cuny.edu/ciberletras/v15/martin.html

MARTÍNEZ Cachero, José María (1963), *Andrés González-Blanco, una vida para la literatura*, Oviedo, Instituto de Estudios Asturianos.

NERVO, Amado (1999) [1928], *La lengua y la literatura*, Ediçom digital a partir de *Obras Completas. Vol. XXII-XXIII*, Madrid, Biblioteca Nueva, 1928. Alacant, Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes. Acessível em http://www.cervantesvirtual.com/

PORTUGAL, Boavida (1915), *Inquérito literário*, Lisboa, Livr. Clássica, 1915.

RAMOS, Rui (1994), *A Segunda Fundação (1890-1926)*, Lisboa, Estampa.
SERRA, Pedro Emanuel Rosa Grincho (1997): *Fidelino de Figueiredo e Espanha*. Tese de Doutoramento. Salamanca, Universidad de Salamanca.
Sonetos portugueses. Seleccionados y traducidos por José María de Cossío; prólogo de Fidelino de Figueiredo (1933). Santiago.Universidad, Instituto de Estudios Portugueses.
UNAMUNO, Miguel de (1911), *Por tierras de Portugal y de España*, Madrid, Biblioteca Renacimiento, V. Prieto.

Eugénio de Andrade e a Geração de 27

FERNANDO J. B. MARTINHO
Universidade de Lisboa

Numa entrevista incluída em *Rosto Precário*, a certa altura, o entrevistador pergunta a Eugénio de Andrade se é «incorrecto falar da sua poesia sem aludir à componente hispânica», e o poeta responde: «Incorrecto não é, mas tem sido muito exagerada. A vertente hispânica é uma das várias que, em dada época, cativou a minha atenção, mas não teve a importância que tiveram as componentes grega do período clássico, oriental (particularmente chinesa e japonesa), ou até medieval.» (Andrade, 1990: 388). Na pergunta feita, quando se fala de «componente hispânica», está implícita a referência à geração de 27, desde cedo apontada pela crítica como fonte de diálogo privilegiada pela poesia de Eugénio de Andrade. Citem-se, a este respeito, as palavras que Óscar Lopes dedica à obra do autor de *As Mãos e os Frutos*, nas primeiras edições da *História da Literatura Portuguesa* que fez de parceria com António José Saraiva (Saraiva e Lopes, s.d.: 988): «O conjunto da sua obra, onde aliás se reconhece a continuidade da geração espanhola de 25, constitui o melhor do nosso imagismo». Esclareça-se que a data referida pelo crítico português, embora muito menos corrente, tem gozado das preferências de um ou outro autor (cf. García de la Concha, 1998: 18), como é o caso de José Luis Cano, que subscreve exactamente um dos artigos publicados em fins dos anos 50 no supl. «Cultura e Arte» de *O Comércio do Porto*, recolhidos mais tarde em *Estrada Larga 3* (Barreto, s.d.: 586-591).

Terá o poeta razão quando se queixa de que é «exagerada» a chamada à colação da geração de 27 pela crítica, com vista a um melhor entendimento da